

A ilusória verdade

(The Elusive Truth)

Definindo para já o tom, aprecio os artistas que se exprimem através da muda eloquência das imagens. Sem retórica nem estridências metafóricas. O eixo central do trabalho de *Jorge Santos* é uma pergunta constante sobre a origem do sentido de ter de se articular com a imagem. Em converter-se numa proposta plástica, apesar das ambiguidades que contaminam a sua expressão visual e tendem a baralhar o jogo. A velha distinção entre o *como* e o *quê* da pintura resultou nos últimos anos a favor do *quê* que voltou a colocar-se. Mas, para mim, o importante e o decisivo é o *como*. Não o *como* no sentido explicativo, marcado por uma ideia de “destino moderno”. Falo de algo muito mais simples. Há a composição e o ritmo que se vão desenrolando como se fossem uma sinfonia.

Nesta intervenção plástica onde as estirpes botânicas adquirem um total protagonismo, vislumbra-se uma técnica baseada na primazia estrutural do pensamento. Impõe-se, sem qualquer camuflagem, o lado assumidamente artificial. Na narrativa da paisagem posta em cena, revela-se sempre a tensão que a arte, a história e a geografia mantêm com a natureza. Nos trabalhos de *Jorge Santos*, apelando ao inesgotável poder da ficção, quase podemos escutar a voz das plantas. Mas a autenticidade do falso, ou da tal verdade ilusória, pode derivar de uma filosofia traduzida numa fórmula usual na prática artística contemporânea. Sem metafísica, nem antagonismos. Ainda no âmbito da música, moderato cantabile, allegro, toccata y fuga, seguimos o ritmo das tintas, os diversos matizes das cores que vão adquirindo um impressionante léxico estético quando transpostas para a tela em branco. Um gesto que condensa e congela o vazio de uma língua ancestral.

Evocando a flora deparamos com a beleza das selvas imaginárias. O rumor das folhas dos ramos, o diálogo eterno entre a claridade e a sombra. De repente, um inesperado golpe de luz filtrado que evoca a ideia dos tempos absolutos. Os encontros furtivos, vindos do asfalto, rasgam aquele reino de silêncio. Os pontos de fuga neste contexto são um lugar-comum desnecessário. É preciso saber ouvir a voz secreta das plantas. As árvores conhecem a verdade e tratam de a transmitir numa linguagem muito anterior às palavras. A matéria orgânica, mesmo contaminada pelo odor dos animais mortos é tão fecunda para a poesia, uma língua morta que já ninguém entende. Só os bárbaros, categoria onde me incluo.

Dizia *Walter Benjamin* que quando a aparição de uma ideia numa obra de arte se define como símbolo, o resultado é que “na análise formal se lhe escapa o conteúdo”. Acreditava que o artista tinha um papel mediúnico.

Uma coisa que sempre me fascinou foi o facto dos fundamentos da arte conceptual terem surgido ao mesmo tempo dos primórdios da desmaterialização do ouro na economia mundial. O fim dos acordos de *Bretton Woods*, onde foram definidas as regras económicas e financeiras entre os países mais industrializados do mundo, determinou a morte do padrão-ouro, tornando -se o dólar a moeda de reserva. A nova ordem monetária internacional ocorrida 1971 coincidiu com os exercícios artísticos da desmaterialização da arte. Tudo caminhou a passos largos para a virtualização do dinheiro, a desmaterialização do trabalho, a especulação em torno do mercado imobiliário, o que se traduziu na construção do capitalismo das corporações tal como hoje o conhecemos. Curiosa coincidência: o capitalismo teve sucesso onde a arte conceptual falhou redondamente.

Assistimos na arte à mitificação da folha de ouro que está associada ao poder do dinheiro. O barroco trouxe de volta o ouro. Alguns artistas utilizaram a folha de ouro nas suas obras. Lembremos: *Gustavo Klint* no retrato de Adele Bloch, *Andy Warhol* nas Marilyn Monroe, *Rauschenberg* na série “Elemental Paintings”. Mas há outros, como Louise Bourgeois, Jan Favre ou Mathew Barney que não resistiram à intensidade hipnótica do brilho do ouro. Até em *Marcel Duchamp* se nota essa marca alquímica que é uma elaboração dos arquétipos antropológicos de *Levy Strauss*. A memória de uma humilde caixa de chá em latão com relevos côncavos no interior e as letras verdes em evidência encontra-se na base dos trabalhos das flores douradas de *Jorge Santos* que, fascinado pela geometria e a divisão do espaço, pensou logo “num jardim”. Ainda chegou a comprar uma falsa folha de ouro, mas não gostou do efeito plástico que carecia da procurada aproximação ao produto industrial. Design, reprodução mecânica, isso mesmo. E assim morreu o sonho da utópica *Goldmine* que *David Bowie* numa liturgia mais mundana combinou com a macia sensualidade do veludo.

Se a beleza aurática for o sentimento produzido por uma complexa percepção, eu diria que as metamorfoses daquela paisagem sombria, rebelde e negra que *Jorge Santos* captou na sua série de desenhos maravilhosamente belos com o título de “*Os Amantes*”, ganham uma relevância que mexe com os mitos que dão sentido à vida e à morte. Entre duendes e fadas más, surgem impregnados de uma sugestão apocalíptica nada tranquilizante mas que impressionam pela ausência de uma reabilitação estética do sublime com o que a palavra comporta. A beleza tem muitas versões e muitos nomes. Prefiro a *convulsiva* que entra em confronto com os estilos em circulação arrumados nas entediadas classificações da taxonomia. Em contraponto configura-se o delicado equilíbrio dos intermináveis jardins que servem de cenário ao filme *O Último Ano em Marienbad* do cineasta francês *Alain Resnais*. O chateau elegante, o culto da beleza austera pontuada por canteiros de arbustos com padrões geométricos que alimenta a estetização difusa das sociedades actuais.

De onde veio esta fulguração expressa em *Os Amantes*? Como representar um espaço? Como conseguir uma arte que não se baseia na imitação da natureza e que a ocupa com as formas puras da razão e do modo de fazer. “Aos cinco anos desenhei um salgueiro”, relata o artista. À revelia da prática da maioria das crianças que normalmente desenham casinhas. A figura humana não entra nestas obras da exposição que o artista qualifica de “uma espécie de instalação” onde os arvoredos funcionam como uma espécie de barreira, de cortina, da invisibilidade do sujeito. Sobressai o prodigioso virtuosismo no desenho, na paleta cromática da cosmovisão conceptual. Para *Jorge Santos*, a arte talvez seja uma coreografia da simulação.

Lourdes Féria